

ALGUNS PROBLEMAS DE DEFINIÇÃO LEXICOGRÁFICA

maria da Graça Krieger
Mestre em Língua Portuguesa — UFRGS

Um dicionário de língua, além de ser um produto cultural de extrema importância, pode também ser visto como fonte de pesquisas lingüísticas. Nesta ótica, um estudo que considera a finalidade precípua de um dicionário — que é a apresentação do significado das palavras de uma língua ao consulente — deve analisar problemas relativos à definição lexicográfica, questionando, desse modo, a área semântica da obra.

A descrição semântica das palavras isoladas com vistas a seu registro no dicionário é o domínio da lexicografia. Embora seja definida como atividade prática de elaborar dicionários, pois do ponto de vista técnico organiza formalmente o léxico de uma língua, a lexicografia não se limita a isso porquanto dá a significação das unidades lexicais. Relaciona-se assim intimamente com a lexicologia e a semântica. As três são disciplinas que pertencem a um domínio comum por se referirem a elementos da língua carregados de significação. Tais elementos são objeto de seus estudos mas em diferentes aspectos e formas. Efetivamente, é pelos estudos semânticos e lexicológicos que a lexicografia busca fixar seus principais métodos.

Num conceito moderno, o lexicógrafo deve ser um estudioso dos fatos científicos da língua. Não se pode, contudo, exigir do trabalho lexicográfico o que ele não tem condições de oferecer, pois a natureza social dos dicionários limita as aplicações das teorias lingüísticas, considerando-se especialmente que a metalinguagem do dicionarista é sempre a língua natural explicando-se a si mesma. No entanto, atualmente, pesquisas especializadas objetivam reestruturar a lexicografia no sentido de que perca o caráter intuitivo de atividade meramente compilatória e busque desenvolver-se à luz de teorias lingüísticas, capazes de lhe conferir maior rigor e método.

Com base nesse enfoque é que este estudo problematiza alguns aspectos da definição lexicográfica (DL) no Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, expressão de maior importância na lexicografia brasileira. Procurando-se captar a maneira como o dicionarista trata a área semântica de sua obra, questiona-se a significação sob dois ângulos: um, referente à pertinência das acepções propostas e outro, relacionado ao aspecto formal de construção do texto da definição. Quanto ao primeiro aspecto, procura-se verificar se as acepções propostas nos verbetes correspondem efetivamente a significados distintos da palavra de entrada; quanto ao segundo, busca-se a formulação sintática que dê conta do maior número de traços significativos do lexema. Onde, postula-se como melhor forma de definição a expansão* na qual se configura uma categoria semântica abrangente e diferenças específicas.

Definir lexicograficamente é fazer corresponder a uma unidade lexical todos os sentidos que a recobrem. É desenvolver uma descrição semântica do lexema definido. Em termos de dicionário, uma descrição semântica equivale ao conjunto de acepções que compõem o verbebo. Tal descrição, sob qualquer aspecto, deve ser o resultado de uma visão rigorosa dos fatos do sentido. Por essa razão, postula-se a análise sêmica (AS) das entradas lexicais como um instrumento adequado para avaliar a definição, pois revela a significação do lexema. Nessa medida, a AS permite constatar o ponto de junção e disjunção entre as acepções do verbebo, revelando se as fronteiras sêmicas entre as acepções correspondem efetivamente a novos significados.

Por outro lado, o questionamento do nível semiológico da linguagem revela também a significação imanente do lexema definido, constituindo-se tal significação numa base semântica para o equacionamento entre definido e seus definidores.

Cabe salientar que, neste estudo, não se propõe uma fórmula de definição, apenas indicam-se elementos que, se observados, marcariam uma definição adequada.

A AS, apresentada neste trabalho, fundamenta-se nos pressupostos teóricos da corrente francesa da semântica estrutural, basicamente nas obras de Greimas e Pottier, mas é uma proposição própria porquanto inexistente um modelo teórico para análise de definições lexicográficas. Dos autores mencionados, aproveitaram-se elementos de suas teorias para a categorização dos semas na AS.

* Termo metalingüístico tomado a Greimas, equivalente de paráfrase, GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. São Paulo, Cultrix, 1973, p. 100.

A semântica estrutural, desenvolvida a partir dos postulados de Saussure e sobretudo das reformulações de Hjelmslev sobre o signo lingüístico no sentido de afirmar que o signo é constituído de um plano da expressão e outro do conteúdo, possuindo cada um sua forma e sua substância, procura descrever sistematicamente o significado, em termos estritamente lingüísticos, numa tentativa de chegar a uma descrição científica.

Para o projeto de descrição, diferencia-se, no plano do conteúdo, a significação imanente de um lexema de sua significação manifestada. A significação imanente corresponde à substância do significado e a manifestada, à sua forma. Esta configura-se no discurso, visto como nível semântico da linguagem, enquanto o nível semiológico ou sêmico identifica-se com a substância do significado.

Trata-se da potencialidade significativa do lexema que corresponde à existência de uma substância semântica no seu interior, num nível independente de sua manifestação no discurso. Portanto, a substância semântica é a sua significação e as manifestações no discurso são os sentidos que o lexema adquire e que se fixam pelo contexto.

No nível semiológico, os traços mínimos de significação os semas — são equacionados. Este equacionamento, no âmbito deste trabalho, é a própria AS. Constituem-se os semas na metalinguagem descritiva da significação.

Em relação às considerações de Saussure, ressalta-se sua concepção de língua como estrutura, o que implica aspectos de valor e significação da unidade lingüística. A famosa comparação da língua com o jogo de xadrez ilustra sua afirmação de que: "a língua é um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros..." (Saussure, 1973, p. 133).

Como o signo pertence a um sistema, seu valor é determinado pelas relações que estabelecerá com os outros signos dentro do sistema. As relações são aqui entendidas no sentido de valor opositivo, de limite, de diferenciação, fazendo com que um signo seja o que o outro não é. Em virtude dessa concepção, Saussure aborda a íntima relação entre o valor do signo e sua significação e a questão também.

"O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui sem dúvida um elemento da significação, e é difícil saber como este se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência." (Saussure, 1973, p. 133.)

A dependência existe no momento em que é o valor de oposição dos signos dentro do sistema que possibilita se fixarem os limites da significação particular de cada unidade.

"Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente pelo seu conteúdo mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são." (Saussure, 1973, p. 136.)

Vê-se então que, sem relações, a significação não existiria. Por essa razão, o "Curso de Lingüística Geral" registra que "na língua só existem diferenças" que se definem ao nível da forma e são apreendidas ao nível da substância.

Assim, é a noção de relação, ponto de partida do pensamento saussureano, que norteia a concepção de estrutura semântica da linha estrutural. É nesse enquadramento que a estrutura elementar da significação configura-se como a relação que ocorre entre dois termos-objetos da língua.

Do ponto de vista lingüístico, as diferenças são percebidas quando dois termos-objetos são captados juntos pela sua relação. Em consequência, um só termo não comporta significação e esta pressupõe a existência de relação entre os termos, condição necessária da significação (Greimas, 1973, p. 28).

Saussure apenas evidencia a importância do valor de oposição do signo lingüístico ao relacioná-lo com a significação. A semântica estrutural, porém, como se propõe a um projeto de descrição de significação, mostra como se captam as diferenças relacionamente. Tal relação é de natureza dupla, pois para que dois termos-objetos sejam captados juntos é necessário que possuam algo em comum e, ao mesmo tempo, elementos que os distingam. O ponto de identidade configura a relação de conjunção e a diferença, a relação de disjunção.

Com base no conceito de relação conjuntiva e disjuntiva entre dois termos, percebe-se a proposta estrutural que é "ao nível das estruturas que é necessário procurar as unidades significativas elementares e não ao nível dos elementos" (Greimas, 1973, p. 30). Assim concebida, a língua apresenta-se como uma reunião de estruturas de significação que se processam em nível sintagmático.

Com base nesses princípios, é que foi organizada a AS deste trabalho, instrumento de avaliação do tratamento semântico da obra.

Do ponto de vista lexicográfico, uma definição é uma trans-

posição de significados entre signos. O cumprimento desse programa, embora pareça simples, é de extrema complexidade, especialmente porque a unidade lexical dos dicionários é morfológica e não semântica.

Uma DL para que alcance seu objetivo, precisa, no entanto, alicerçar-se na análise semântica. Neste caminho, lança mão dos princípios da análise lógica, porém não se confunde nem com uma nem com outra. Da mesma forma, ao descrever o objeto denotado pelo nome, a DL pode parecer, pela objetividade da descrição, uma análise da coisa e não da palavra. Em virtude desse último enfoque, há um aspecto metodológico extremamente discutido a seu respeito: a clássica dicotomia entre definição de coisas e de palavras.

Definir, do ponto de vista filosófico, quer dizer delimitar. A definição equivale a uma delimitação, isto é, à indicação dos fins ou limites de um ente em relação aos demais. A delimitação, entre os objetos definidos filosoficamente, se estabelece pela indicação de uma classe a que pertence o ser e de suas diferenças específicas. Trata-se da chamada definição lógica, cuja tradição forneceu à lexicografia suas primeiras regras. A Filosofia importa definir o ente, mas a um dicionário de língua importa definir palavras.

Uma definição de palavras não está na natureza: é o resultado da intervenção do pensamento e da língua. O pensamento organiza-se com base nas definições lógicas e expressa-se pela realidade lingüística. Vale dizer, há que lembrar a arbitrariedade do signo, apontada por Saussure, e sobretudo o seu valor, referente ao aspecto de que a língua é um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros. É então o valor relacional que se institui como elementos da significação na medida em que um signo é o que o outro não é.

Essa consideração é importante ao evidenciar que a definição, construída por sinonímia, não está fazendo definição de palavras, mas apenas indicando substituições ao nível do sistema.

Por outro lado, lembrando que toda definição lingüística é um ato de criação do pensamento, as palavras tornam-se objetos de definição e, nessa medida, o homem as classifica em categorias, conceito que provém de Aristóteles.

O valor e a importância das categorias semiológicas é tão profundo numa descrição de significados que, para a semântica estrutural, elas representam a contribuição do mundo exterior ao nascimento do sentido.

No entanto, a inserção de uma palavra numa categoria não

constitui ainda uma definição, pois "uma categoria representa necessariamente um gênero próximo, de compreensão mais abstrata e mais geral que a palavra a definir, e ela só se torna o equivalente desta palavra por meio da indicação da diferença específica. Uma definição compreende então necessariamente, e no mínimo, dois termos" (Imbs, 1960, p. 12).

Define-se então a estrutura de uma DL, porquanto é essa dualidade numérica mínima que possibilita o significado, embora na realidade dos dicionários haja uma tendência de reduzir a definição a um único termo, enquanto toda definição começa ou deve começar pela categoria na qual seu autor classificou a palavra. Estes critérios nortearam a análise dos resultados que a AS evidencia nos verbetes.

Para a análise dos verbetes, escolhidos aleatoriamente, foram equacionadas apenas as acepções de caráter geral, procurando-se atingir então os sentidos logo reconhecidos por um falante da língua.

Dessas acepções, selecionaram-se os lexemas-chave para serem equacionados semicamente. Tal seleção baseou-se fundamentalmente num critério de abrangência, ou seja, escolheram-se lexemas abrangedores de grande campo semântico e representativos da significação básica da acepção. A escolha, determinada aprioristicamente, foi testada pelos resultados da análise.

O equacionamento sêmico teve por critério o fato de não ser intuitivo, porquanto levantaram-se os semas com base nas definições dadas aos lexemas pelo mesmo dicionário. Essa recursividade visou ao rigor do levantamento sêmico, respeitando-se a significação natural do texto lexicográfico.

A AS distribui-se em dois quadros. O primeiro, denominado EQUAÇÃO SEMICA (ES) assinala os traços dos lexemas definidores. O segundo, denominado CATEGORIZAÇÃO SÊMICA, interpreta os semas e os classifica de acordo com suas ocorrências no quadro I.

No primeiro quadro, marcaram-se os semas correspondentes aos lexemas-chave. Aqui os semas foram subdivididos em classificatórios e específicos. Estes traduzem o universo sêmico dos lexemas-chave e os classificatórios, identificados com os classesmas de Pottier, correspondem a uma tentativa de se configurar a categoria sêmica mais abrangente e de verificar em que medida tal classificação influiria na composição das definições.

Restringem-se os semas classificatórios, no âmbito deste trabalho, a seis: /ação/ = /A/; /produto/ = /P/; /qualidade/ = /Q/; /es-

tado/ = /E/; /sentimento/ = /S/ e /relação/ = /R/. Suas conceituações basearam-se também no mesmo dicionário.

No quadro II, retoma-se o verbete e interpreta-se a ocorrência dos semas do quadro I. Reproduzem-se os classificatórios, sendo que os específicos são subdivididos em dominantes e contextuais. Os dominantes são aqueles ou só aquele de maior ocorrência na EQUAÇÃO SÊMICA e os contextuais, os restantes.

Assim, os quadros sêmicos traduzem a substância do significado do lexema mas de maneira diferente. O primeiro, revela o universo sêmico de cada acepção e aponta a organização global do verbete. O segundo, interpreta a significação como um todo, independente de acepções. Visualiza-se a significação da palavra de entrada enquanto lexema. Posteriormente, conclui-se a análise de cada verbete com uma interpretação descritiva, intitulada "Resultados da Análise", onde se pode confirmar o ponto de vista de que o questionamento do nível semiológico da linguagem torna-se essencial na composição de uma DL.

GÁUDIO

Duas acepções — denominação.

Gáudio — [do lat. gaudiu] s.m. 1. Júbilo, alegria, regozijo.
2. Folgança, pândega, brincadeira.

1. Júbilo, alegria, regozijo.

Júbilo — grande contentamento de alegria
[cf. júbilo do v. jubilar]

Alegria — Qualidade de alegre. Contentamento, satisfação, júbilo, exultação.

Regozijo — Gozo intenso; vivo contentamento ou prazer; grande satisfação.

2. Folgança, pândega, brincadeira.

Folgança — Brincadeira, divertimento, festa, folguedo.

Pândega — Folguedo ruidoso e alegre; brincadeira, folgança, folia.

Brincadeira — Divertimento, sobretudo entre crianças; brinquedo, jogo.

I. ANÁLISE SÊMICA

I EQUAÇÃO SÊMICA

VERBETE	SEMAS LEXEMAS	S	A	CONTEN- TAMENTO		INTE- NSIDADE	ALE- GRIA	SANTIS- FICAÇÃO	PRAZER	DIVER- TIMENTO	FESTI- VIDADE	RUIDO	PROPRIO DA INF.
				+	-								
A	Júbilo	+		+		+	+						
	Alegria	+		+		+							
	Regozijo	+		+		+		+					
B	Folgança		+										
	Pândega		+										
	Brinca- deira		+							+		+	

II CATEGORIZAÇÃO SÊMICA

VERBETE	SEMAS	CLASSIFICATÓRIOS		ESPECÍFICOS	
		Sentimento Ação	Contentamento	DOMINANTES	CONTEXTUAIS
GÁUDIO				Contentamento	Intensidade Satisfação → <i>alegria</i> Prazer Divertimento Festividade Ruído Préprio da infância

A ocorrência simultânea, no quadro analítico dos semas classificatórios /sentimento/ e /ação/, deve ser observada sob dois ângulos. Inicialmente, salienta-se a presença homogênea, em cada conjunto, de apenas um sema classificatório: /sentimento/ em A e /ação/ em B. Por outro lado, essa homogeneidade parece ser responsável pela disjunção entre as duas acepções. Assim, os semas classificatórios explicam as duas acepções propostas.

A relação de conjunção é dada pelo sema específico dominante /contentamento/, presente, de forma global, nas duas acepções. Esse sema, enquanto lexema, é definido pelo próprio dicionário como: "sentimento de prazer, satisfação, alegria". Justifica-se assim o fato dos lexemas do segundo conjunto o possuírem como marca uniforme de significação.

Os semas específicos contextuais estabelecem as disjunções entre os lexemas do mesmo conjunto na medida em que evidenciam as delimitações de significados, desconsideradas pelo dicionarista, posto que arrolam como sinônimos os lexemas dentro de cada uma das acepções.

A partir das relações de conjunção evidenciadas pela análise sêmica, é possível propor-se, como definição mais adequada para o verbete, um texto descritivo, capaz de dar conta de "gáudio" como um "sentimento" de contentamento, presente nas ações do tipo divertimento. Dessa forma, a definição não seria sinonímica, mas organizar-se-ia a partir de um arquilexema — sentimento — seguido da diferença específica — contentamento. Por este caminho, talvez não houvesse duas acepções, posto que os elementos da segunda serviriam como abonação.

Outro exemplo, em que podem ser observados problemas de definição, é o verbete CAPA, apresentado pelo dicionarista com treze acepções, o que teoricamente corresponde a treze sentidos diversos do lexema.

CAPA

1. Peça de vestuário usada sobre toda a outra roupa para protegê-la ou proteger quem a veste contra a chuva.
 Vestuário — O conjunto de peças de roupa que se vestem; traje, indumentária.
 Sobre — Na parte superior de; em cima de, por cima de ou acima de.

Chuva — Precipitação atmosférica formada de gotas de água cujas dimensões variam entre 1 a 3 mm, por efeito da condensação do vapor de água contido na atmosfera.

2. Aquilo que serve para cobrir; cobertura.
 Aquilo — Aquela(s) coisa(s).
 Cobrir — Ocultar ou resguardar, pondo alguma coisa em cima, diante ou em redor.
 Cobertura — Aquilo que cobre; coberta.
3. Fig. Acolhimento, proteção.
 Acolhimento — Ato ou efeito de acolher; recepção.
 Proteção — Auxílio, amparo.
4. Fig. Aparência, exterioridade.
 Aparência — Aquilo que se mostra à primeira vista; aspecto.
 Exterioridade — S. f. — Qualidade ou caráter daquilo que é exterior.
5. Peça de estofa, de cor viva, com que os bandarilheiros chamam os touros.
 Peça — Qualquer quantidade, separa ou não de uma substância sólida, de um todo; bocado, porção, fragmento, naco.
 Estofa — Tecido, em geral lavrado, de lã, seda, algodão, etc.; usado especialmente para decoração; estofa.
11. Bras. A parte superior de qualquer camada rochosa ou de mina em exploração. (Opõe-se à lapa.)
 Parte — S. f. Elemento ou porção de um todo.
 Superior — Que está mais acima que; mais elevado; súpero.
12. Bras. BA. Envoltório externo de um charuto; capote.
 Envoltório — Coisa que envolve, que serve para envolver.
 Externo — Que está por fora, ou que vem de fora.

13. Bras. RS. Parte da sela que protege as pernas do cavaleiro do contato com os cavalos.

Proteger — Dispensar proteção a; ajudar, auxiliar.

Bras. NE. Capas encouradas — Hipocrisia, dissimulação.

Hipocrisia — Impostura, fingimento, simulação, falsidade.

Dissimulação — Encobrimento das próprias intenções. Disfarce, fingimento, hipocrisia.

I. ANÁLISE SÊMICA

SÊMAS		P	R	Q	A	E	VE- TI- MEN- TA	SUPE- RIO- RIDA- DE	PRO- TE- ÇÃO	QUAL- COI- SA	OCUL- VA- MEN- TO	RE- CEP- TIVE- DADE	AS- PEC- TIVO	ENTE- RIO- RIDA- DE	FRAG- MEN- TO
A	LEXEMAS Vestuário Sobre Proteger	+	+		+		+	+	*						
B	Aquilo Cobrir Cobertura	+		+				+	++	+					
C	Acolhimento Proteção	+							++			++			
D	Aparência Exterioridade	+											+	+	
E	Estofa	+													
F	Parte Superior	+		+				+							+
G	Envoltório Externo	+		+				+						+	
H	Parte Proteger	+			+				+						+
I	Hipocrisia Dissimulação					++			++						

I EQUAÇÃO SÊMICA

II CATEGORIZAÇÃO SEMICA

SEMAS VERBETE	CLASSIFICATÓRIOS	ESPECÍFICOS	
		DOMINANTES	CONTEXTUAIS
CAPA	Produto Relação Qualidade Ação Estado	Proteção	Vestimenta Superioridade Quaisquer coisas Ocultamento Receptividade Respeito Exterioridade Teclão Fragmento

RESULTADOS DA ANÁLISE

Os semas classificatórios não chegam a trazer informações maiores sobre a significação.

O sema dominante neste quadro é /proteção/. Conjugua seis das nove acepções trabalhadas. Deve ser observado que, nas duas primeiras acepções, esse sema está acompanhado de /superioridade/. Pelo texto descritivo de A e B pode-se ler "capa" como um /produto/ que dá /proteção/ pela sua /superioridade/. O último sema é o de segunda maior ocorrência no quadro. Assim, apesar de haver um único sema dominante, são dois os traços realmente definidores de "capa". Encontram-se juntos ainda na acepção G.

Apenas o traço /proteção/ presentifica-se em C, conjunto indicado como figurativo, por meio dos lexemas "acolhimento" e "proteção". Trata-se de um traço significativo superpondo-se e projetando-se em nível lexemático. Tal sema está também em H, onde o último lexema ("proteger") indica a finalidade.

A acepção I deve ser observada, pois contém somente o sema /proteção/ e porque o significado de seus lexemas é tomado em sentido figurativo. Trata-se de um alargamento de sentido que não é indicado pelo dicionarista.

Em F, é apenas /superioridade/ que se impõe. Nenhum dos dois semas - /superioridade/ e /proteção/ - consta das acepções D e E. Nessa última, constituída por "estofa", o quadro não fornece, nem a acepção, justificativa para pertencer à composição deste verbete.

Em D, os lexemas "aparência" e "exterioridade" são indicados como figurativos e não contêm nenhum desses traços.

Os semas específicos contextuais, por sua vez, dão conta da disjunção entre as acepções.

Com base nas observações anteriores, pode-se concluir que CAPA é um /produto/ que protege pela sua condição de /superioridade/ enquanto dimensão física. Se fosse considerado o núcleo semico básico do lexema, formulado em termos de uma definição descritiva, poderia haver uma economia no número de acepções.

Nesse sentido, B poderia ser a definição abrangente, uma vez que já contém um arquillexema como "aquilo" que, embora pobre, pode corresponder à indicação da categoria geral, complementando-se com "que serve para cobrir", além de "cobertura", valendo pela diferença específica.

Vê-se, então, que o texto descritivo dá maiores informações sobre a significação ao passo que as definições sinonímicas podem sempre, no mínimo, um traço significativo.

Os dicionários apresentam, de modo geral, muitos problemas de definição. Aqui foram questionados apenas alguns aspectos. No entanto, cabe registrar um tipo de formulação que também se caracteriza por não estabelecer equivalência significativa entre definido e definidores. É o caso apresentado no verbete "descuramento = Ato ou efeito de descurar" (Aurélio, 1975).

A significação de descuramento não foi revelada. Apenas uma parte da significação foi equacionada, pois "mento" significa "ato" ou "efeito", ficando a significação da primeira parte do lexema a descoberto. Ocorreu apenas um desmembramento morfológico do definido, passando-se do plano nominal para o verbal com a presença de "descurar" no enunciado definidor. Trata-se de uma definição de caráter morfo-semântico.

As considerações finais deste trabalho, que aqui se constitui na amostragem de uma análise mais ampla já realizada, referem-se não apenas a problemas lexicográficos, mas procuram verificar a validade das categorias sêmicas propostas, julgando a pertinência do instrumento analítico.

Assim, pôde-se ver que os semas classificatórios podem revelar as divisões propostas, justificando a disjunção entre acepções. Contribuem também para identificar definições de natureza morfo-semântica, que, embora sejam por expansão, não equacionam a significação básica do lexema como pôde ser visto no verbete Descuramento.

Os semas específicos dominantes desempenharam a função primordial de configurar o núcleo significativo do lexema, podendo assim servir de base para a construção de um texto de definição capaz efetivamente de estabelecer a equivalência entre definido e definidores. Mostraram também que se o núcleo fosse considerado, muitas das acepções seriam desnecessárias.

Já os semas específicos contextuais, basicamente, deram conta da disjunção entre as acepções, revelando, no entanto, que as fronteiras sêmicas estabelecidas não correspondem frequentemente a reais diferenças de sentido.

Na verdade, este tipo de análise, ao equacionar a significação imanente e a significação manifestada de um lexema, permitiu que muitos outros aspectos importantes do comportamento semântico das unidades lexicais fossem percebidos.

No entanto, em termos exclusivamente lexicográficos, a análise sêmica revelou que muitas das acepções propostas em cada verbete não correspondem a verdadeiras diferenças de sentido. Pode-se também verificar que, apesar de muitas definições serem elaboradas por expansão, não configuram a significação global do lexema que, na ótica deste trabalho, corresponde à indicação de uma categoria semântica geral e de diferenças específicas.

Essa indicação é considerada, portanto, como qualidade da definição que assim pode atingir seu objetivo primordial: a equivalência de sentido entre definido e definidores. Quando a DL não dá conta dessa equivalência é porque seu texto não indica categorização e diferenças específicas, o que ocorre sempre com formulações de natureza sinonímica.

Por outro lado, uma definição completa dispensa o consulente de nova busca ao dicionário, aspecto que, do ponto de vista lexicográfico, pode ser considerado como medida de qualidade da obra.

BIBLIOGRAFIA

1. BALDINGER, K. *Sémantique et structure conceptuelle*. Cahiers de lexicologie, Paris, Didier, Larousse, 8(11):3-46, 1966.
2. —. La definición de los objetos mentales. In: —, *Teoría Semántica*. Madrid, Aicóla, 1970, p. 75-99.
3. BUBOIS, Jean & DUBOIS, Claude. *Introduction à la lexicographie; le dictionnaire*. Paris, Larousse, 1971. (Col. Langue et Langage)
4. FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário de língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
5. GREIMAS, A. J. *Du sens*. Paris, du Saul, 1968.
6. —. *Semântica estrutural*. São Paulo Cultrix, 1973.
7. HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo, Perspectiva, 1975.
8. IMBS, Paul. Au seuil de la lexicographie. Cahiers de lexicologie, 2:3-17, 1960.
9. LOBATO, Lúcio Maria Pinheiro. *A semântica na lingüística moderna; o léxico*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
10. MARQUES, Maria Helena Duarte. *Estudos Semânticos*. Rio de Janeiro, Grifo, 1976.
11. MOUNIN, Georges. *Les problèmes théoriques de la traduction*. Paris, Gallimard, 1963.
12. POTTIER, Bernard. *Présentation de la lingüística; fundamentos de uma teoria*. 2. ed. Madrid, 1972.
13. —. *Lingüística générale*. Paris, Klincksieck, 1974.
14. —. *Sémantique et logique*. Paris, Delarge, 1976. (Col. Univers semiotique).
15. REY, Alain. A propos de la définition lexicographique. Cahiers de lexicologie, Paris, Larousse, 8(11):67-80, 1965.

16. REY, Alain. Les dictionnaires: forme et contenu. *Cahiers de lexicologie*. Paris, Didier, Larousse, 7(2):65-102, 1965.
17. REY-DEBOVE, Josette. La définition lexicographique: recherches sur l'équation sémique. *Cahiers de lexicologie*. Paris, Didier, Larousse, 8(1):71-84, 1966.
18. —. Comprendre la linguistique. Belgique, Marabout, 1975. (Col. Marabout Université, 287).
19. SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. 5. ed., São Paulo, Cultrix, 1973.